

**LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO**



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB  
FACULDADE UNB PLANALTINA - FUP**

**A ESCOLA DO CAMPO MADRE CRISTINA E SUA PRÁXIS NA FORMAÇÃO DOS  
EDUCANDOS EM RELAÇÃO ÀS EXPERIÊNCIAS AGROECOLÓGICAS**

**JOSE GOMES DA SILVA**

**Planaltina – DF**

**2015**



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB**  
**FACULDADE UNB PLANALTINA - FUP**  
**LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO – LEDOC**

**A ESCOLA DO CAMPO MADRE CRISTINA E SUA PRÁXIS NA FORMAÇÃO DOS  
EDUCANDOS EM RELAÇÃO ÀS EXPERIÊNCIAS AGROECOLÓGICAS**

Monografia apresentada como requisito parcial para a construção do Trabalho de Conclusão de Curso em vista da obtenção de título de Licenciada em Educação do Campo com habilitação na área de Ciema.

Orientador Prof. Dr.: Jair Reck

**Planaltina – DF**  
**2015**

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho em memória de minha mãe Laurinda José Gomes companheira de todas as horas, que sempre me apoiou, me incentivou. A meus queridos irmãos, que contribuíram na busca deste meu objetivo, devo a vocês a garra, a confiança nestes anos de estudos. Aos meus filhos queridos: Beatriz, Guilherme Henrique, Ícaro Gabriel, Lavínia Caroline e Lara Emanuelly. A minha companheira Marlene e a minha avó Maria José Gomes. A meu pai Valdemir, companheiro de luta, devo a ele minha existência. Vocês todos foram muito importantes na conquista desta graduação.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus que pela proteção em todos os momentos da minha vida.

A minha família, minha mãe pelo apoio, que mesmo não estando presentes, as palavras ditas enquanto viva me fortaleceram durante toda essa trajetória.

Agradeço ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST, pela oportunidade de me tornar um sujeito político conhecedor das contradições hegemônicas existentes. Devo a esse movimento social a minha formação acadêmica a qual muito terei sempre orgulho de ter feito parte do curso de Licenciatura em Educação do Campo uma conquista da classe trabalhadora.

Aos meus colegas de turma, pessoas com as quais aprendi muito e que levarei para sempre as lembranças dos momentos de socialização coletiva. Deixo aqui o meu muito obrigado pelas contribuições durante a formação acadêmica. Em especial ao coletivo de amigos que contribuíram para a conclusão da escrita desta pesquisa. Aos educadores, educandos e agricultores que possibilitaram o entendimento dos objetivos proporcionando a construção desta pesquisa, que disponibilizaram seu tempo e atenção ao serem entrevistados.

As companheiras cozinheiras do Sabor do Cerrado, que através do ato de cozinhar possibilitou uma relação coletiva entre as turmas. Agradeço aos professores/as que contribuíram neste processo de formação teórica, e ao orientador Jair Reck, pelo respeito e o despertar da práxis, pela rapidez das orientações que me possibilitou o término do meu trabalho. Agradeço também a todos/as professores colaboradores e estagiários pela socialização de seus conhecimentos.

## EPÍGRAFE

*“No paradigma que fortalece a Educação do Campo é a formação humana que tem o maior significado”.*

*Sonia Meire Santos e Azevedo de Jesus*

*"Considero também que a aproximação da universidade com a escola permite que a própria universidade se aproprie de um conhecimento da realidade que a fará repensar o seu ensino e a sua pesquisa".*

*Paulo Freire”.*

## **Lista de Abreviaturas**

UnB – Universidade de Brasília

LEdoC – Licenciatura em Educação do Campo

ARPA – Associação Regional de Produtores Agroecológicos

LDB – Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional

PRONERA – Programa Nacional de Reforma Agrária

PRONAF – Programa Nacional de Amparo à Agricultura Familiar

INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

MST - Movimento do Trabalhadores Rurais Sem Terra

UNEMAT - Universidade do Estado de Mato Grosso

EMIEP - Ensino Médio Educação profissionalizante

UFMT- Universidade Federal de Mato Grosso

PNAE – Programa Nacional Alimentação Escolar

PA A – Programa de Aquisição de Alimentos

## RESUMO

Este trabalho consistiu em investigar, descrever, analisar, examinar, identificar qual a contribuição da Escola Estadual Madre Cristina na formação dos educandos em relação às experiências agroecológicas no Assentamento Roseli Nunes no município de Mirassol D'Oeste – MT. Para realização e desenvolvimento tivemos como metodologia o estudo de caso e pesquisa qualitativa com aplicação de questionário, coleta de dados por meio de entrevistas estruturadas. A base teórica é formada pelos autores PISTRAC (2000), RECK (2007), CALDART (2006), QUEIROZ (2004) entre outros, enfatizando e permitindo a discussão por meio do processo de reforma agrária, luta pela democratização do acesso a terra, agroecologia como forma de uma nova matriz de produção com o objetivo de contrapor os efeitos da Revolução Verde. Apresenta ações através da escola e à Associação Regional de produtores agroecológicos-ARPA que proporciona a emancipação dos sujeitos coletivos, associados ao cooperativismo, à solidariedade, fundamentados pelos princípios da Educação do Campo. Com isso, é possível contribuir com as discussões políticas dos sujeitos do Campo, como instrumento questionador do modelo do agronegócio que vem cada vez mais avançando, inclusive, sobre os territórios conquistados nas lutas pela Reforma Agrária.

**Palavras – chaves:** Reforma Agrária, Educação do Campo. Agroecologia

## **ABSTRACT**

This work is to investigate, describe, analyze, examine, identify the contribution of the State School Madre Cristina in the training of students in relation to agro-ecological experiences in the Settlement Roseli Nunes in Mirassol D'Oeste – MT. For achievement and development as we approach the case study and qualitative research with questionnaires, data collection through structured interviews. The theoretical basis is formed by the authors Pistrak (2000), RECK (2007), CALDART (2006), Queiroz (2004) among others, emphasizing and enabling the discussion through the process of agrarian reform, fight for the democratization of access to land, agroecology as a way to a new generation matrix in order to counteract the effects of the Green Revolution. It presents actions through the school and the Regional Association of agroecological ARPA-producers that provides the emancipation of the collective subjects associated with the cooperative, solidarity, based on the principles of Rural Education. This makes it possible to contribute to the political discussions of the subject field, as questioner instrument of invasion of territories.

Key - words: Land Reform, Rural Education. Agroecology.



## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	10
CAPÍTULO 1. ....	14
1.1 Contexto de Pesquisa: Histórico do Assentamento Roseli Nunes .....	14
1.2 A Escola Madre Cristina .....	17
CAPÍTULO 2 – REFORMA AGRÁRIA: UMA LUTA SOCIAL .....	21
2.1 Educação do Campo como prática de fortalecimento da formação humana de cunho libertário.....	21
2.2. Reforma agrária.....	24
2.3 Agronegócio.....	26
2.4 Agroecologia: Produção e cuidado com a vida .....	27
2.5 Ensino médio Diversificado.....	28
2.6 Ensino Médio Integrado a Educação Profissional.....	30
2.7 Projeto Juventude Camponesa.....	30
2.8 Associação Regional de Produtores Agroecológico – ARPA.....	32
CAPÍTULO 3. A PRÁXIS AGROECOLÓGICA DA ESCOLA MADRE CRISTINA.....	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	42
REFERÊNCIAS.....	45
ANEXO.....	48

## INTRODUÇÃO

A agroecologia como matriz disciplinar, leva em conta todos os aspectos da natureza e as várias complexidades que há em todo âmbito do agroecossistema. Essa ciência torna-se indispensável para o homem e a natureza, e suas práticas têm a capacidade de promover o equilíbrio mantendo-os em harmonia.

As experiências agroecológicas no Brasil enfrentam enormes barreiras que vão desde a dificuldade de discutir, até o desenvolvimento de algumas experiências. Nesse contexto, existe a contradição entre a manutenção de pequenas experiências e as grandes propriedades que cultivam a monocultura e o uso constante de agrotóxico, que possuem o objetivo de produzir para exportação e não tem nenhuma preocupação com a alimentação diretamente. A agroecologia vem criando formas de contrapor o modelo convencional de produção e com isso vem rompendo barreiras ideológicas, que até pouco tempo seriam difíceis de discutir.

Entretanto, é necessário lutar para garantir que os/as trabalhadores/as do campo organizados nos projetos de assentamento e pequenas propriedades, garantam o direito de exercer suas atividades agrícolas sem que sejam atingidas por essas barreiras. E pensando nessas contradições que existem é que precisamos saber como elas se fundamentam e como se desenvolvem.

No assentamento Roseli Nunes vivencia-se algumas experiências agroecológicas relevantes e a partir dessas experiências, este trabalho visa refletir sobre os limites e possibilidades da contribuição da Escola Estadual Madre Cristina nesse processo de formação dos educandos, com relação às experiências agroecológicas que vêm sendo desenvolvidas no assentamento.

O Assentamento Roseli Nunes é distribuído 331 famílias totalizando em media 1.324 pessoas conta ainda com a Escola Madre Cristina, que é considerada como o coração do assentamento, em sua maioria, os profissionais são comprometidos com uma educação libertadora. Essa poderá ser uma ferramenta estratégica dentro desse contexto de luta e resistência desses sujeitos. E a Associação Regional de Produtores Agroecológicos - ARPA, por buscar formas de contrapor o modelo de exploração do ser humano e da natureza imposta pelo

agronegócio, vem trabalhando uma matriz de produção comprometida com os princípios da agroecologia, cultura, nos valores históricos da existência da vida.

Esta monografia tem o objetivo de contribuir para o debate das experiências agroecológicas desenvolvidas no Assentamento Roseli Nunes, tendo um olhar voltado às questões ambientais, sociais e econômicas, no sentido de fortalecer a agricultura familiar. A Agroecologia ao longo do seu processo histórico traz discussões acerca da produção de alimentos saudáveis e que não prejudiquem o ser humano, o meio ambiente, a fauna, a flora e os animais. Dessa forma, é necessário indagar, qual a concepção que se tem sobre a agroecologia e como isso acontece na prática.

Diante da necessidade de garantir uma educação, baseada no contexto do campo, é preciso refletir como isso acontece na realidade do Assentamento e da Escola, com o objetivo de perceber como a escola contribui nesse processo de formação, com perspectiva de compreensão do mesmo e com intenção de trazer elementos que contribuam nessa perspectiva de construção das bases teóricas conectadas com as práticas agroecológicas.

Por ser morador, lutador da Reforma Agrária e estudante do curso de Licenciatura em Educação do Campo, da Faculdade UNB Planaltina, da terceira turma. Esse um curso que se desenvolve com base na pedagogia da alternância: tempo comunidade e tempo universidade, o que me proporcionou conhecimento enquanto licenciado e educador do campo, pelo fato de poder trabalhar e estudar, sem ter que sair do campo. Esses elementos me deram mais condições para compreensão dos conflitos e os impactos causados pelo monocultivo de cana, soja, pastagens e o uso intensivo de agrotóxicos em torno do Assentamento, vê-se a grande necessidade de trabalhar novas formas alternativas de produção, que fortaleçam as famílias que ali residem.

Nesse sentido, o trabalho de pesquisa buscou responder ao seguinte questionamento: qual a contribuição da Escola Estadual Madre Cristina na formação dos educandos em relação às experiências agroecológicas no Assentamento Roseli Nunes?

O objetivo de nossa pesquisa foi conhecer e analisar como a Escola Estadual Madre Cristina contribui com a formação dos educandos em relação ao fortalecimento das experiências agroecológicas existentes no Assentamento Roseli Nunes.

Enquanto objetivos específicos: Investigar e descrever o histórico do Assentamento Roseli Nunes e da Escola Estadual Madre Cristina e a sua inserção na discussão e desenvolvimento de experiências agroecológicas; Analisar a metodologia pedagógica da Escola Madre Cristina e sua relação com a Agroecologia; Examinar qual a importância da Agroecologia na formação dos educandos da Escola Madre Cristina; Identificar as contribuições da Associação Regional de Produtores Agroecológicos- ARPA- para a escola e comunidade.

A metodologia da pesquisa pautou-se pela análise qualitativa, que caracteriza-se por analisar o comportamento humano. De acordo com Santos (2005), a pesquisa qualitativa é humanista e indutiva, busca compreender as pessoas, focalizando-as no contexto sociocultural. Este trabalho está fundamentado através de pesquisas bibliográficas, pesquisa de campo (entrevistas e observações) e análise documental.

Os textos bibliográficos que utilizamos para fundamentação teórica: PISTRAC (2000), RECK (2007), CALDART (2006), QUEIROZ (2004) entre outros.

Utilizamos ainda para coleta de dados: questionários, entrevistas e observações, envolvendo: 02- professores, 05- estudantes, 01- coordenadora pedagógica, 02- assentados e a diretora da Escola Madre Cristina, com o objetivo de compreender melhor a metodologia que a escola vem desenvolvendo e se essa está contribuindo para a formação agroecológica dos educandos. Foram realizadas entrevistas e visita de campo, observando as atividades que são desenvolvidas pela Associação Regional de Produtores Agroecológicos - ARPA.

Os atores pesquisados foram pessoas que têm a participação na luta pela terra e que por meio desse processo, desenvolveram práticas agroecológicas com o objetivo de mudar a matriz de produção dentro dos princípios da Educação do Campo. Isso porque que é desenvolvido o curso diversificado e Ensino Médio Integrado a Educação Profissionalizante - EMIEP na escola, os educandos entrevistados foram: os que desenvolvem as disciplinas específicas em agroecologia. Os agricultores: associados à Associação Regional de Produtores Agroecológicos- ARPA.

Este trabalho está organizado em três capítulos. No primeiro, tratamos do contexto sócio - histórico da escola do campo Madre Cristina e do Assentamento Roseli Nunes, situando a origem desta realidade, gerada a partir da luta do MST, descrevendo as culturas de produção desenvolvidas por meio das

práticas agroecológicas e a filosofia da escola na busca da formação humana libertária, ancorada na emancipação dos sujeitos, atuantes como intelectuais orgânicos, dentro da escola, como também na comunidade.

Discorremos no segundo capítulo sobre a Reforma Agrária, como parte de uma luta social, relatando a luta dos trabalhadores pela terra e permanência em seus territórios. A Educação do Campo, como Prática de Fortalecimento da Formação Humana libertária e instrumento político que vem contrapor a escola separada da realidade, com a formação de sujeitos atuantes no mundo social. Agronegócio disseminador de monoculturas, responsável pela expansão do uso dos agrotóxicos e perda da biodiversidade. Agroecologia como Forma de produção ancorada no cuidado com a vida, com a produção de alimentos diversificados, respeitando os limites da natureza. O Ensino Médio Integrado a Educação Profissional, as disciplinas diversificadas e o Projeto juventude Camponesa, todos vem fortalecer a agricultura familiar no sentido técnico e teórico de considerar a herança histórica do camponês. ARPA - Associação Agroecológica consolidada por meio das pautas, discussões vinda dos agricultores, com percepção coletiva da produção de alimentos saudáveis para alimentação do campo e cidade.

No terceiro capítulo apontamos à práxis Agroecológica da Escola Madre Cristina, construída a partir da concepção dos sujeitos formados no contexto da luta pela terra, respeitando os valores culturais e socialistas.

Nas considerações finais, registramos o resultado dessa pesquisa, encontrando a sintonia nas falas dos entrevistados, tanto da escola, quanto da comunidade, a partir dos conceitos agroecológicos que os mesmos enfatizaram. Foi possível a compreensão que a reforma agrária é uma luta constante dos povos do campo na luta pela terra, bem como a permanência em seus territórios. Percebemos ainda que a educação do campo é um projeto em construção, na medida em que estabelece o diálogo com a educação, agroecologia, agricultura familiar. Sendo que é exatamente esta dinâmica da luta pela terra, juntamente com os movimentos sociais, que consolida as lutas e conquistas, fazendo da reforma agrária uma luta para a conquista da dignidade humana do campo e cidade.

## **CAPÍTULO 1**

### **1.1 CONTEXTO DE PESQUISA: ASSENTAMENTO ROSELI NUNES**

O assentamento Roseli Nunes é fruto da luta pela terra organizada pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), o objetivo era organizar o máximo de famílias na luta pela reforma agrária. No entanto, no dia 17 de março de 1997, na fazenda Facão aproximadamente 10 km da cidade de Cáceres e 210 km da capital Cuiabá – MT, no primeiro momento de ocupação acamparam 600 famílias, no decorrer dos dias houve uma massificação com a totalização de 1.200 famílias camponesas oriundas de várias regiões do país. As famílias se organizaram em setores que foram surgindo de acordo com as necessidades da organização interna; havia 38 núcleos de famílias, formados por afinidades, por regiões ou por outras opções. Os setores, também, foram se formando como: saúde; segurança; higiene; finanças; animação; educação; esporte; organização da juventude; formação; comunicação; cultura, etc.

O nome do acampamento Roseli Nunes foi escolhido em homenagem a uma mulher que participou da ocupação da fazenda Anoni em 1985, a maior ocupação realizada no estado do Rio Grande do Sul, foi à mãe da primeira criança a nascer no acampamento, destacou-se na luta pela garra e determinação. Seu entusiasmo e exemplo incentivaram muitas mulheres para a luta. Foi assassinada no trevo da estrada em Sarandi – Rio Grande do Sul - RS, com mais dois companheiros, no dia trinta e um de março de 1987, ocasião em que participava de uma manifestação com mais de cinco mil pessoas por uma política agrícola voltada aos pequenos agricultores.

Durante o acampamento foram muitas lutas e resistências para conquistar o pré-assentamento, na fazenda Prata, localizada no município de Mirassol D' Oeste em 1998, no qual foi consolidado Assentamento em junho de 2002, que foi a grande conquista do povo organizado pelo MST. Nessa fazenda foram assentadas trezentas e trinta e uma família que vivem, trabalham e dependem da produção de leite, e culturas de arroz, feijão, milho, hortaliças, mandioca, etc. e criação de gado e animais de pequeno porte. Outras pessoas trabalham no corte de cana, vendendo sua força de trabalho.

As famílias estão organizadas em núcleos de bases, constituídos de treze a vinte famílias cada, e associações. Esses núcleos foram constituídos através de muitos diálogos e reuniões de coordenação, no qual cada núcleo tem seu representante, ou melhor, seu coordenador, que leva as propostas de seus nucleados e os informa como está o processo das lutas.

Esse Assentamento é bem diversificado culturalmente pelo fato das pessoas que nele residem ser oriundas de vários Estados do país e de várias etnias. Essa diversidade fica nítida nas festas culturais, principalmente nas festas de São Benedito, de São João e nas festas da Colheita, que são realizadas nos espaços do Assentamento com o objetivo de comemorar os frutos conquistados da terra.

O Assentamento Roseli Nunes é provido de ambientes agradáveis por contar ainda com grandes diversidades de espécies nativas, como reservas permanentes (APPs), matas ciliares e ripares, que contribuem na preservação da biodiversidade, fauna e flora.

Conta com setenta famílias que estão inseridas no projeto agroecológico na produção de hortifrutigranjeira, na produção de alimentos saudáveis, sem uso de agrotóxicos, utilizando de técnicas naturais, para garantir a qualidade dos produtos e sem contaminar o meio ambiente. Essas famílias estão organizadas em uma Associação Regional de Produtores Agroecológicos (ARPA).

O Assentamento Roseli Nunes está localizado na região sudoeste do Estado de Mato Grosso, ao Norte do município de Mirassol do Oeste há 22 km, próximo do Município da Curvelândia 7 km e do Município de São José dos Quatros Marcos 42 km. Estando distante da sede regional que fica no município de Cáceres há 82 km, passando pela rodovia de Mirassol Do oeste e 67 km pela rodovia de Curvelândia. A área total do assentamento é de 10611 hectares sendo que: 2170 há é área comunitária e 23 ha distribuídos para cada família.

O Município de Mirassol D'Oeste está localizado a Sudoeste de Mato Grosso na depressão do Rio Paraguai, Calha do Rio Jauru. Sua altitude é de 260m acima do nível do mar, tendo sua latitude Sul 15° 45' 30 ". Sua longitude Oeste 65 68° 16' 36" e cantando com a superfície de 1038,83Km<sup>2</sup>, distante da capital "Cuiabá" de 282 Km. Limita-se a Oeste com o Município de Cáceres, ao norte com o Município de Gloria D'Oeste. Segundo os dados do IBGE/96 sua população é de 23,754 habitantes sendo sua maioria urbana. (Projeto Político Pedagógico, Escola Madre Cristina, 2004).

O acampamento é uma grande escola e deve ajudar a fazer a transformação social do sujeito de acordo com os princípios do MST, voltado para o trabalho e a cooperação. Neste período todos os acampados aprendem muito, principalmente com a cultura diversificada que enriquece ainda mais a convivência e a troca de experiências.

Depois de muita luta e sofrimento, em abril de 1998 saiu o comodato das áreas da Fazenda Santana município de São José dos Quatro Marcos, hoje denominada Assentamento Florestan Fernandes, onde foram assentadas 180 famílias. Nesta mesma data também saiu o comodato da Fazenda Prata, no município de Mirassol D' Oeste, hoje assentamento Roseli Nunes, onde estão assentadas 331 famílias. O nome Roseli Nunes herdado desde o acampamento, em memória a uma companheira que morreu assassinada no estado do Rio Grande do Sul, conforme indicamos acima e tem uma frase dita por ela muito bonita e significativa que diz “prefiro morrer lutando, a morrer de fome”.

O assentamento Roseli Nunes é formado por famílias oriundas de vários municípios: Reserva do Cabaçal, Araputanga, São José dos Quatro Marcos, Cáceres, Salto do Céu, Rio Branco, Curvelândia, Cuiabá, Mirassol D' Oeste e de outros Estados como Minas Gerais, São Paulo, etc.

De acordo com a pedagogia do movimento, a educação se torna fundamental nas estratégias das lutas sociais, a partir da socialização de vários espaços coletivos, saberes empíricos e culturais desenvolve a autonomia. Diante disso a escola passa a cumprir um papel importante para a transformação dos sujeitos com capacidade de interagir no meio social pautando suas necessidades.

A comunidade é ativa, participativa de todos os eventos culturais e cívicos. A escola conta com o apoio da coordenação do assentamento Roseli Nunes.

Na luta pela terra existe muita dor e sofrimento. Existe também muita esperança e alegria. Alegria de quem já sente o brotar do novo, forjado com muita luta e teimosa resistência. Esperança de ir forjando um Projeto Popular nesta terra chamada Brasil.

*Existe também muita fome e muita sede. Fome de pão e de terra partilhada, diz o Sem Terra e sede de olhar o verdor da roça na terra conquistada e de ajudar muitos sem-terra a ser movimento. Mas, ainda existe outra fome e outra sede: a de ler, escrever e calcular. Ler o mundo com os seus contrastes e com as*



*suas contradições. Escrever a história que está a fazer em conjunto com tantos. Calcular a partilha que começa desde agora.* (M.S.T. – Pra soletrar a liberdade nº 2 – Fevereiro de 2001, p. 5).

## **1.2 – Histórico da Escola Madre Cristina**

No pré-assentamento Roseli Nunes, logo depois de saída da Fazenda Facão a escola itinerante estabeleceu raízes juntamente com a conquista da terra. No início funcionava na escola de 1º a 4º série e os primeiros educadores foram: Jair Furlan, Ana Luiza Furlan, Sônia Inês Neves, Valdirene Balduino, Geralda S. G. Miranda, Maria José de Souza Gomes, Marinalva Paula da Silva, José Genivaldo da Vitória e Luiza Avelino que desafiaram todas as dificuldades e fizeram acontecer à educação formal dentro do comodato. Os acampados batizaram a escola de “Madre Cristina”, em homenagem ao empenho da educadora, psicóloga e estudiosa, Célia Sodré Dória, ou melhor, Madre Cristina como era conhecida, é autora de vários livros na área do conhecimento da psicologia, uma mulher valorosa, com uma visão de sociedade voltada para os mais pobres, sofridos e oprimidos e que foi perseguida por querer uma vida melhor para todos.

Foi na luta e na busca de experiência dos educadores com as famílias dos educandos que se aproximavam uns dos outros, que surgiam novas existências educativas, cultivando os valores do campo, participando da dinâmica do acampamento e adaptando-se à vida nova. A escola integrava e ajudava a desenvolver nas crianças um sentimento de pertença ao MST e fortificava cada educando na luta do dia-a-dia, esperando a concretização da conquista da Terra.

A implantação da escola foi gradativa e cheia de dificuldades. No início era feita de coqueiro, coberta de lona e só tinha até a 6ª série (1999), depois foi feita com tábuas e telhas usadas, e foi implantada 7ª e 8ª série (2000/2001).

O ano de 2002 foi muito difícil no setor de educação do assentamento. Devido ao parcelamento da área, as famílias a partir de julho de 2002 começaram a ir para seus lotes. A maioria delas ficou longe da escola e sem estradas, principalmente na comunidade Conquista da Fronteira onde foi criada a extensão, houve muitas evasões, devido à distância e a falta de condições de frequentar as aulas.

No ano de 2003, as aulas começaram um pouco tarde, pois as estradas estavam em péssimo estado e não tinha como buscar os alunos para estudar, e este problema só foi solucionado no período da estiagem e o ano letivo só deu início em maio. Com toda essa dificuldade um ônibus começou a entrar uns 10 km no assentamento para buscar os alunos e leva-los para estudar na escola são José da Veredinha que fica a uns 30 km do assentamento. Neste mesmo ano começou a construção da escola, com recursos do Estado e dos próprios assentados; também, iniciou-se a construção da ponte e das estradas em junho.

No ano de 2004 foi inaugurado o novo prédio da Escola Madre Cristina que passou a ser Estadual e não mais municipal, pois na época da construção o prefeito não assumiu os gastos deixando a responsabilidade das despesas para o Estado.

O transporte escolar é viabilizado pelo Estado, este repassa uma verba para a prefeitura e esta faz a licitação e contrata uma empresa que se responsabilizará de fazer o transporte.

Foram viabilizados dois ônibus para fazer o transporte dos alunos e, devido ao grande número de alunos fez-se necessário uma Diretora, sendo indicada para o cargo a professora Maria José de Souza Gomes, e uma secretária para organização dos documentos, sendo indicada a professora Marlene Aparecida da Silva de Jesus. Em 2005 a luta pela organização da escola continuou, foi um ano de conquistas internas, porém, de muito trabalho.

No dia 13 de fevereiro de 2006 realizou-se a indicação para mudar a direção da escola e, foi indicada a professora Geralda S. G. Miranda, que elaborou metas de trabalho para dois anos de mandato, visando adequar-se à realidade do assentamento, aos saberes da comunidade e à pedagogia do Movimento, tendo como parâmetro que:

[...] a identidade da escola do campo é definida pela sua vinculação às questões inerentes à sua realidade ancorando-se na temporalidade e saberes próprios dos estudantes, na memória coletiva que sinaliza futuros, na rede de ciência e tecnologia disponível na sociedade e nos movimentos sociais em defesa de projetos que associem as soluções exigidas por essas questões à qualidade social da vida coletiva no país. (DIRETRIZES OPERACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA NAS ESCOLAS DO CAMPO, 2002, p. 37).

O quadro de servidores na Escola Madre Cristina, hoje, está organizado da seguinte forma: 3 guardas, 3 cozinheiras, 3 zeladoras, 2 secretárias, 1 diretora, 1 coordenadora e 15 professores, sendo que todos os servidores são interinos. A escola atende a um total de 400 alunos, da alfabetização à 4ª série no período matutino, de EJA e da 5ª ao 2º ano do Ensino Médio no período vespertino, e da 5ª ao 3º ano do Ensino Médio no período noturno. Hoje são três ônibus que viabilizam o transporte dos educandos de casa para a escola.

No processo educativo da Escola Madre Cristina vivencia-se as matrizes pedagógicas enfatizadas pelo MST (CALDART 2000) A pedagogia da luta social através das mobilizações, das práticas que ajudam a fortalecer os valores aprendidos na luta como indignação, inconformismo, contestação e esperança.

Pedagogia da organização coletiva onde todos trabalham em coletividade através da divisão de tarefas. O coletivo de educadores é organizado da seguinte forma: setor político pedagógico, setor da saúde, setor da infraestrutura (higiene em geral, embelezamento, limpeza e acompanhamento à cozinha), setor da mística (eventos em geral, ornamentação e animação), setor da secretaria (manter a secretaria ativa e organizada, organizar armários, sala dos professores e biblioteca). Em cada sala tem um aluno que foi eleito democraticamente para ser o coordenador, este aluno tem que trabalhar no coletivo, juntamente com o educador em prol do respeito, da disciplina, da organização dos trabalhos, buscando e dialogando com os colegas e professores sobre a melhoria do ensino-aprendizagem.

Pedagogia da terra, através de conteúdos que valorizam a importância da terra para o ser humano e principalmente para o camponês, e com projetos de levar o aluno para conhecer as práticas agrícolas e o trabalho na terra.

Pedagogia do trabalho e da produção, levando o aluno a ser conhecedor de que o trabalho gera a produção e muda a qualidade de vida, pois através do trabalho nas hortas agro ecológicas temos a merenda escolar com frutos orgânicos e que melhoram a qualidade de vida.

Pedagogia da cultura, através das noites culturais, das místicas, dos símbolos, das ferramentas de trabalho, dos gestos, da religiosidade, da arte e dentro da sala de aula onde é respeitado o jeito de viver, de produzir e de ser dos Sem Terra.

Pedagogia da escolha, mostrando aos alunos que eles podem ser autônomos e responsáveis pelas escolhas que podem mudar as suas vidas.

Pedagogia da história, através das noites socialistas, das místicas levando os alunos a serem conhecedores do passado, cultivando a memória coletiva, compreendendo o Movimento e construindo uma identidade na busca de dias melhores.

A teoria e a prática pedagógica da Escola Madre Cristina caminham juntas, levando em consideração a realidade dos sujeitos envolvidos, garantindo que todas as pessoas do meio rural tenham acesso a uma educação de qualidade, voltada aos interesses da vida do campo.

Atualmente o maior desafio a ser superado é erradicar a evasão escolar dos jovens estudantes, provocada pela necessidade de trabalhar. Outra deficiência enfrentada é a infraestrutura da escola, tais como: quadra de esporte; Salas de aula adequadas para todos os alunos e a efetivação dos educadores que estão inseridos nesta luta pela Educação do Campo e no Campo.

A escola proporciona aos alunos a aprendizagem do conhecimento científico, a construção de valores como a solidariedade, compreensão, determinação e cooperativismo, gerando conhecimento e relações comprometidas com a própria realidade.

É desafio de todos nós, pensar a Educação do Campo como processo de construção de um projeto de educação dos trabalhadores e das trabalhadoras do Campo. Para que possa contribuir de fato com as necessidades de cada sujeito individual ou coletivo no sentido de fortalecer tornando cidadãos e cidadãs comprometidas com a luta na busca constante pela transformação. Buscam junto criar oportunidades para alcançar melhores condições de vida.

## CAPÍTULO 2 REFORMA AGRÁRIA: UMA LUTA SOCIAL

### 2.1. Educação do Campo como prática de fortalecimento da formação humana

A educação do campo surge de uma indignação dos povos do campo por meio das lutas dos movimentos sociais, com uma crítica ao modelo de educação que não atende as especificidades de diversas realidades camponesas, propondo uma educação que inclua esses povos.

A educação do campo se dá desde o processo do sujeito entender seu direito. A partir desse entendimento, surge a necessidade de buscar alternativas de construção de uma educação libertadora, contribuindo para produzir um novo olhar no campo, em sintonia com uma nova dinâmica social, de valorização desse território, buscando alternativas para melhorar a situação de quem vive e trabalha nele, na dinâmica de um povo indignado, que não aceita o campo como um lugar de atraso e discriminação, mas sim, um espaço que possibilita uma vida digna, e devem ser entendidas nas dimensões políticas, culturais e econômicas.

A Educação do Campo nasceu colada ao trabalho e à cultura do campo. E não pode perder isso em seu projeto. A leitura dos processos produtivos e dos processos culturais e formadores (ou deformadores) dos sujeitos do campo é tarefa fundamental da construção do projeto político pedagógico da Educação do Campo. (CALDART, 2004, p.32).

A escola Madre Cristina dentro do processo de luta na qual esta inserida vem contribuindo na formação dos educando no sentido de torná-los sujeitos críticos, com capacidade de dialogar em diversos setores da sociedade e politizados da importante tarefa de construir projetos de vida. E que esses venham contrapor-se ao projeto brutal de dominação, que desumaniza os sujeitos em nome de tal desenvolvimento, que viabiliza apenas as classes dominantes que vivem da exploração da natureza e dos seres humanos.

De acordo com o (Caderno de Educação Nº 13 Edição Especial, p.40) que argumenta: *na perspectiva ideológica da classe trabalhadora hoje, a escola tem como objetivo educar sujeitos para a transformação da realidade atual [...]*.

Nesse sentido a pedagogia do movimento em que orienta sua matriz curricular é o PPP da Escola do Campo, tornando a escola mais comprometida nas lutas sociais dos sujeitos do campo, pois ela só existe a partir das lutas de resistência dos assentados. Esses sujeitos acreditam na escola em seu potencial de ser uma alternativa de resistência, por estar engajada na pedagogia da luta do movimento e ainda assume o papel de desenvolver atividades voltadas para a realidade vivenciada pela comunidade.

Por isso, quando descrevemos a escola Madre Cristina é porque ela é considerada o coração do assentamento Roseli Nunes. Por circular todas as informações políticas, e assim ela se torna a referência fundamental nas articulações das atividades pedagógicas da escola e do assentamento, é nesse espaço que acontece às reuniões da coordenação os eventos culturais, encontros regionais da juventude e os encontros regionais do Movimento dos trabalhadores rurais sem terra (MST). Neste sentido ela passa cumprir em sua dinâmica o papel de escola do campo por fazer parte do processo formativo dos sujeitos que a constitui.

De acordo com (CALDART, 2000, p. 202):

Uma reflexão que também nos permite compreender que são as relações sociais que a escola propõe através do seu cotidiano e jeito de ser o que condiciona o seu caráter formador, muito mais do que os conteúdos discursivos que seleciona para seu tempo específico de ensino.

O seminário de formação de educadores realizado na Universidade de Brasília Planaltina – DF em uma atividade desenvolvida na disciplina de núcleo Básico do Curso de Licenciatura em Educação do Campo no ano de 2013 com o tema Limites e Potencialidades; Contribuiu muito no entendimento da dimensão da formação humana a partir das exposições teóricas e práticas. Durante os relatos das experiências vivenciadas pelos educadores, deixou claro que, a escola a todo o momento deve estar ligada na vida do sujeito e o sujeito na vida da escola.

Nesse sentido, olhando para nosso território, percebe-se que a escola de inserção Madre Cristina nasceu dentro da luta pela terra organizada pelo movimento dos trabalhadores rurais sem terra (MST), com objetivo de formar os camponeses e camponesas, crianças, jovens e adultos, para que possam atuar em todo espaço social e reconhecendo que através do conhecimento conquistado, será

possível buscar suas autonomias alimentando pelas palavras de Marti, “só o *conhecimento liberta*”.

Neste sentido a Educação do Campo propõe-se a formação dos sujeitos capazes de interferir na realidade, com uma visão crítica da sociedade. Dessa forma a Educação do Campo passa a ser instrumento que auxilia na compreensão da realidade. Para isso a mesma dialoga com um projeto de sociedade que contrapõe o modelo de exclusão imposta pelo capitalismo.

A agroecologia foi construída recentemente para contrapor o modelo tecnológico imposto pela Revolução Verde, visando os conhecimentos e saberes tradicionais dos povos camponeses, incorporando o saber cultural, formas agrícolas diferenciadas para uso e cuidado com a terra.

Agroecologia se insere dessa maneira na busca por construir uma sociedade de produtores livremente associados para a sustentação de toda a vida (Via Campesina e Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, 2006), sociedade na qual o objetivo fim deixa de ser o lucro, passando a ser a emancipação humana. (GUBUR, TONÁ, 2012, p. 64).

A Escola do Campo Madre Cristina construída por meio da luta pela terra, organizada pelo movimento social Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), tem como desafio proporcionar o ensino e práticas pedagógicas diferenciadas, baseada nos valores culturais dos povos do campo de acordo com a realidade na qual está inserida.

Com isso a escola passa a articular em seu currículo escolar a dimensão pedagógica com o trabalho e manejo da terra, orientada pelos princípios da agroecologia, baseados na produção coletiva da Associação dos produtores Agroecológicos (ARPA).

Abordamos as disciplinas diversificadas que fundamentam este trabalho entre a escola e a comunidade:

Economia Solidária tem como objetivo: criar atividades econômicas sustentáveis, geridas na base da cooperação entre trabalhadores (as), numa perspectiva de desenvolvimento local e de construção de outras relações sociais, emancipadoras e equitativas.

Horelecultura é o cultivo de várias espécies conhecidas como: hortaliças que engloba culturas folhosas, raízes, bulbos, tubérculos.

Agricultura Familiar vem possibilitar a permanência do sujeito no campo proporcionando autonomia de cada sujeito.

Essas disciplinas são ministradas através de exposição teóricas e práticas participativas; o curso técnico Pé no Chão em agroecologia (cultivo de hortifrutigranjeiro e pecuário). Esse curso acontece todos os anos na associação ARPA, em parceria com Fundação Educacional (FASE) com o objetivo de disseminar práticas diferenciadas que possibilitam ao agricultor realizar o seu próprio manejo no solo, controle biológico nas plantações através de fabricação de caldas de controle e nos animais por meio das técnicas de homeopatia.

## **2.2. Reforma agrária**

A implantação de um plano nacional de reforma agraria é de suma importância para o crescimento do país, pois irá proporcionar trabalho no campo, fortalecer as políticas de soberania alimentar, diminuir a pobreza e concretizar a agricultura familiar.

Conforme Descrito no inciso 1º do Estatuto da Terra

Considera-se Reforma Agraria o conjunto de medidas que visem a promover melhor distribuição da terra, mediante modificações no regime de sua posse e uso, a fim de atender os princípios de justiça social e aumento de produtividade.  
([www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L4504.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L4504.htm)).

Neste sentido Reforma Agraria é uma forma justa de distribuição de terra que garante a dignidade e permanência do sujeito no campo, lei essa que foi regida a partir de 1964, que legitima a Reforma Agraria como direito ao uso da terra para a produção e reprodução da vida. Porém é importante lembrar que tal proposta de Reforma Agrária, gestada em pleno regime militar, não tinha e não teve o condão de efetivar-se.

O movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra nasce em meio ao processo de negação da reforma agraria como direito social. No processo anterior houve vários massacres, o INCRA, na sua administração foi ocupado por representantes do latifúndio, o que ocasionou intensas disputas no processo de construção da nova constituinte de 1988, nesse momento o capitalismo se reafirma



e com ele vem diversas formas de repressão. Por outro lado à classe trabalhadora não se conforma com a derrota e continuam a luta para permanecer em seus territórios.

Segundo (OLIVEIRA, 2007, p. 131):

[...] com a derrota da reforma na constituinte de 88 e com o fracasso do I PNRA, os nascentes movimentos sócios – territoriais caminharam para se constituir nos novos personagens da cena política nacional. Seu único caminho foi à luta pela terra. A história que marca a longa marcha do campesinato brasileiro está escrita nas lutas, quase sempre, sangrentas desta classe social.

Neste sentido, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra consolida-se enquanto movimento social do campo por reunir camponeses e camponeses nas lutas pela democratização da terra, com isso é considerado um dos movimentos mais respeitados em função de sua luta. Tendo em vista que o agronegócio vem descaracterizando a luta do MST de forma ideológica, tentando mostrar para a sociedade que essa organização é composta de baderneiros, ameaçando a integridade da população.

A reforma agrária como política pública, visa entre outros, a diversificação das economias locais e regionais. Com isso:

Terra é mais do que terra, entendendo que a terra conquistada na luta deixa de ser apenas terra, para ser terra com pessoas, buscando encontrar o melhor jeito de trabalhar e de viver nela, o que exige a preocupação com um conjunto bem maior de dimensões humanas, e com um tipo de organização que dê conta delas (CALDART, 2000, p. 89).

Diante disso, sabe-se da importância para a implantação de uma reforma agrária de acordo com a necessidade dos povos do campo que, porém, até o momento não contemplam essas especificidades. No entanto, para a consolidação da reforma agrária justa, faz-se necessário uma organização dos povos do campo, que pressione e cobrem dia-a-dia esses direitos.

Dentro desse contexto, a luta dos movimentos sociais está sendo fundamental para denunciar a concentração de terra e a violação dos direitos humanos e fazendo acontecer partes destas políticas públicas onde é pautado constantemente.

Desta forma, o MST vem contribuindo no debate político e na formação humana, promovendo o entendimento, *que a terra não é uma mercadoria*.

A terra é destacada como um patrimônio da humanidade “Ela não é fruto do trabalho humano e ninguém pode ter direito absoluto sobre ela”. (Caderno de formação nº 36, p.9).

Dando ênfase a uma reforma agrária popular de acordo com Stedile:

Consiste na distribuição massiva de terras a camponeses, no contexto de processos de mudanças de poder, nos quais se constituiu uma aliança entre governos de natureza popular, nacionalista, e os camponeses. Desses processos resultaram leis de reforma agrária progressistas, populares, aplicadas combinando-se a ação do Estado com a colaboração dos movimentos camponeses. (2012, p. 660).

Volta-se para uma reforma agrária popular, que vai além do espaço de se ter a terra, vem de um debate de luta e mobilização social, que busca formas de melhorias para os povos do campo, com consciência acerca da terra e de seu uso e manejo.

## 2.3 Agronegócio

O agronegócio é uma forma de agricultura que tem como base a grande concentração de terras para a implementação do monocultivo. Desta forma, visa ao lucro apenas como acúmulo de capital, além de ser um projeto totalmente dependente de insumos químicos:

[...] O processo de expansão do capital no campo favorece setores industriais, caracterizados pelo monopólio de empresas transnacionais, através da implantação de um modelo altamente dependente de insumos químicos e máquinas agrícolas. O Estado cumpre o papel de mediador de empréstimos bancários para o agronegócio, o que representa transferência de trabalho acumulado ou de mais-valia social, para financiar insumos industriais na agricultura, para o setor privado (MENDONÇA, 2013, p. 34).

O agronegócio tem modelo controlador do meio de produção, isto é, através de um pacote tecnológico que mantém o controle sobre as sementes

geneticamente modificadas, como também, o monocultivo em larga escala, sendo que esse modelo de agricultura trazem grandes impactos ambientais, acarretando na perda da biodiversidade da terra. Com relação ao agronegócio LEITE E MEDEIROS destacam:

O termo foi criado para expressar as relações econômicas (mercantis, financeiras e tecnológicas) entre o setor agropecuário e aqueles situados na esfera industrial (tanto de produtos destinados à agricultura quanto de processamento daqueles com origem no setor), comercial e de serviços. Para os introdutores do termo, tratava-se de criar uma proposta de análise sistêmica que superasse os limites da abordagem setorial então predominante. (2012, p.79).

Tendo em vista que esse modelo de agricultura proposto se torna insustentável, inviabilizando a vida no solo. Neste sentido o avanço territorial da fronteira agrícola vem aumentando de forma desastrosa, causando um forte desequilíbrio ambiental, por meio de um pacote tecnológico desenvolvido a partir da instrução da revolução verde, por não preocupar-se com a vida no solo, pois em seu modelo, o solo é visto somente como suporte para a fixação das sementes, necessitando ainda de uma grande extensão territorial de terras.

[...] sua expansão se dá de duas maneiras: 1) pela expansão horizontal das áreas de lavoura, especialmente nos últimos 10 anos, que vem crescendo em média 5% ao ano; e, 2) pela intensificação do pacote tecnológico da Revolução Verde. São elevados e insustentáveis os custos sociais desse modelo de expansão agrária, assim como na extração do petróleo, que tem como característica a superexploração da natureza (OLIVEIRA, *apud* CARNEIRO et al., 2012, p. 21-22).

No entanto com esse avanço da fronteira agrícola com uma produção voltada para os interesses do grande capital financeiro, esse modelo de desenvolvimento vem afetando direta e indiretamente a vida das famílias no campo, criando uma forte dependência por produtos externos, levando as famílias a uma perda irreparável da biodiversidade, cultura e saberes empíricos.

## **2.4 Agroecologia: Produção e cuidado com vida.**

A agroecologia pode-se definir como uma forma de agricultura que busca uma maior compreensão da natureza, para que possa articular uma relação de equilíbrio com os ecossistemas, com isso a interação do ser humano com a natureza, torna-se mais harmoniosa, neste sentido a diversidade de cultura contribui para que haja maior aproveitamento dos recursos naturais disponíveis I, entretanto, o processo de rotação de culturas no manejo do solo, deve ser uma prática contínua, para que não se esgote os nutrientes produzidos ao longo do tempo, e ainda segundo Altieri: *a agroecologia fornece as bases científicas, metodológicas e técnicas para uma nova “revolução agrária” não só no Brasil.*

Altieri discorre que: *a agroecologia se fundamenta em um conjunto de conhecimento e técnicas que se desenvolvem a partir dos agricultores e de seus processos de experimentação.* Neste sentido a Associação Regional de Produtores Agroecológicos (ARPA) vem desenvolvendo experiências por meio de um processo de transição agroecológica, levando em consideração a relação social, cultural e econômica.

No entanto a partir de muitos debates e discussões o foco também é a preocupação com o que produzir e para quem produzir. A partir desses debates que a ARPA, firma como princípio a produção agroecológica, com uma visão voltada para alimentação saudável e de qualidade para as famílias. Tendo em vista que essa produção é também pensada para aqueles que realmente necessitam de adquiri-la que são as famílias de baixo poder aquisitivo e as escolas e creches. Entre tantas tentativas de mercados como: feiras livres e permanentes, o programa do governo federal PAA-Programa de Aquisição de Alimentos, como também o PNAE-Plano Nacional de Merenda na Escola, que é uma política pública que obriga as unidades escolares comprarem no mínimo 30% da produção dos agricultores, agricultoras familiares, nesse entendimento essas políticas vem contribuindo muito na difusão e concretização dessas discursões.

No entanto a Associação ARPA vem operacionalizando o PAA-programa de Aquisição de Alimentos desde 2005 beneficiando somente a Escola Madre Cristina, já em 2006 ampliando para 20 escolas: em Mirassol D'Oeste, São José dos Quatros Marcos, Curvelândia e Araputanga, hoje ela está atendendo diretamente cerca de 750 famílias com baixo poder aquisitivo e por meio do PNAE, Programa Nacional Alimentação Escolar é realizado a compra direta dos produtores

para a escola, o que atende a demanda dos educandos respeitando sua realidade, seus costumes.

## **2.5 ENSINO DIVERSIFICADO**

A educação do campo está voltada para o povo que vive no campo e o ensino diversificado, propõe o reconhecimento dos saberes diverso e a busca de novos saberes científicos, com discussões voltadas para melhoria e permanência neste campo, com qualidade de vida, estudo e renda. Buscando alternativas para melhorar a situação de quem está e sonha e vive da e com a terra, valorizar e garantir na escola os educadores comprometidos com esse campo.

A escola proporciona aos alunos a aprendizagem do conhecimento científico, a construção de valores como a solidariedade, compreensão, determinação e cooperativismo, gerando conhecimento e relações comprometidas com a própria realidade.

Neste sentido a escola estadual do campo madre Cristina inicia seu ano letivo de 2012 a 2014 na sua matriz curricular quatro disciplinas voltadas para um maior interesse de quem vive no campo, que são trabalhadas em horários opostos as disciplinas regulares, o ensino médio “diversificado” tem suas aulas ministradas na teoria e na prática com disciplinas de: Economia Solidária, Agricultura familiar, Agroecologia e Holericultura orgânica sendo assim definidas:

Economia Solidária: uma forma de organização da sociedade para a produção e distribuição dos bens materiais e imateriais embasados na coletividade, no trabalho associado, na co- responsabilidade, na participação, na democracia, na mutualidade, na autogestão, na cooperação. Uma organização na qual os /as trabalhadores/as controlam os meios de produção, neles trabalham. É uma economia que supera a divisão social do trabalho. (ZART,2009 p,38)

Agricultura familiar: é produzido essencialmente através do cultivo da terra, com plantações por pequenos produtores do campo, tendo como mão de obra o núcleo familiar que se apoia fundamentalmente na gestão, na unidade e trabalho da família. Cabe aqui à afirmação corresponde a formas de organização de produção em que a família é ao mesmo tempo proprietária dos meios de produção e executora das atividades produtivas. (NEVES, 2012, p.33).

Agroecologia: consiste em uma proposta de agricultura familiar justa viável e sustentável, a agroecologia não existe isoladamente, mas agrega conhecimentos de outras ciências, além de agregar saberes populares e tradicionais das experiências de agricultores familiares de comunidades indígenas e camponesas. De acordo com Gubur e Toná, constitui um conjunto de conhecimentos sistematizados, baseados em técnicas e saberes tradicionais (dos povos originários e camponeses) (2012, p.57).

Holericultura orgânica: é a área da horticultura que abrange a produção de hortaliças e que engloba culturas folhosas, raízes, bulbos, tubérculos, frutos diversos e partes comestíveis da planta.

## **2.6 O Ensino Médio Integrado A Educação Profissional - EMIEP**

O Ensino Médio Integrado A Educação Profissional técnico em agroecologia (EMIEP) teve início na escola mãe Cristina no ano de 2014 com o primeiro ano, este ano de 2015 está no segundo ano.

No intuito de oferecer essa formação, para que essas famílias permaneçam em suas parcelas a escola Mãe Cristina oferece no seu currículo, o Curso Profissionalizante no ensino médio, através do curso de (Ensino Médio Integrado A Educação Profissional) EMIEP.

Os educandos estão estudando para se qualificar através de estudos, pesquisas, casos e ao mesmo tempo, após esses conhecimentos, o objetivo é que possam contribuir com suas famílias, dando a assistência técnica necessária e melhorando a produção e qualidade de vida no campo. Com isso a perspectiva para esses jovens é fundamental, portanto, evitando que ocorra o êxodo rural, as pessoas saírem do campo para cidade, onde não tem trabalho e emprego para todos.

Sua base curricular e conteúdos no primeiro ano e segundo ano de 2014 a 2015: Agrobiodiversidade, agroecologia, agropecuária de base ecológica, cooperação e agroindústria familiar, manejo ecológico do agroecossistema, Agropecuárias de base ecológica, mecanização da base familiar, cooperação e agroindústria, planejamento e administração, produção na sócia economia solidária,

projetos e instalações agroecológicas, trabalho de conclusão de curso, uso e manejo de recursos hídricos e uso e manejo sustentável.

## **2.7 PROJETO JUVENTUDE CAMPONESA**

A proposta de projeto de pesquisa e formação para ser constituída com os jovens camponeses para o desenvolvimento e fortalecimento científico e tecnológico da juventude do ensino médio da Escola Estadual Madre Cristina no Assentamento Roseli Nunes no município de Mirassol do Oeste - MT.

Este projeto está centrado na construção e análise do processo de formação e de organização camponesa a ser realizado na escola e na comunidade visando o fortalecimento e a autonomia econômica, social e política, segundo os princípios da agroecologia, da economia solidária e das tecnologias sociais. As atividades do projeto serão desenvolvidas com jovens camponeses ligados ao Assentamento Roseli Nunes e Santa Helena que surgiram a partir do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).

O enfoque epistemológico evidencia ações de investigação e de formação que relacionam os espaços educacionais formais e não formais, no processo de autoorganização a partir de experiência vinculada ao currículo do ensino médio integrado em agroecologia e o ensino médio diversificado. As ações são fortalecidas com a inserção dos jovens nas atividades de associativismo e sustentabilidade, juntamente com a economia do campo, a produção e a comercialização, em conformidade com os princípios da economia solidária, da agroecologia e da educação do campo. Este trabalho irá proporcionar uma visão de totalidade dos territórios camponeses, integrando a escola, a cultura, o currículo, a produção de conhecimento científico e tecnológico e as práticas sociais da juventude camponesa.

Tem como Objetivo Geral: Construir e analisar o processo de formação e de organização camponesa na/da escola da educação do campo na constituição e no fortalecimento da organização e da autonomia econômica, cultural, social e política, na perspectiva da agroecologia, da economia solidária e das tecnologias sociais com a juventude camponesa na Escola Estadual Madre Cristina

no Assentamento Roseli Nunes no município de Mirassol do Oeste. Com os Objetivos Específicos:

- a) Caracterização da produção, da organização econômica dos assentamentos Roseli Nunes e Santa Helena;
- b) Promover e monitorar a formação da juventude camponesa nos espaços escolares e comunitários em relação aos conhecimentos da educação do campo, da economia solidária, da agroecologia e das tecnologias sociais;
- c) Analisar o processo de auto-organização dos jovens e do trabalho pedagógico a partir das experiências vinculadas aos currículos do ensino médio integrado em agroecologia e o ensino médio diversificado;
- d) Interpretar a participação e a aprendizagem dos jovens a partir da inserção nas atividades de associativismo e cooperativismo na Associação Regional de Produtores Agroecológicos (ARPA) e na Cooperativa de Produção Agropecuária da Região Sudoeste do Estado de Mato Grosso (COOPARAS);
- e) Acompanhar e sistematizar a produção de conhecimento científico e tecnológico e das práticas sociais da juventude camponesa nos espaços escolares e na organização do trabalho associado e agroecológico;
- f) Analisar a interação entre a assistência e a produção de conhecimentos tecnológicos e os saberes dos camponeses para o aprofundamento das práxis científicas desenvolvidas na interação do tempo escola e tempo comunidade.
- g) Realizar a formação da juventude em parceria com a ARPA para promover o conhecimento prático e científico relativo às políticas públicas em especial os mercados institucionais.
- h) Avaliar a aprendizagem dos estudantes no ensino médio diversificado e o ensino médio integrado em agroecologia seguindo os princípios da educação do campo;

## **2.8- Associação Regional de Produtores Agroecológicos- ARPA**

A Associação Regional de Produtores Agroecológicos (ARPA) , é uma entidade civil sem fins lucrativos inscrita com o CNPJ, fundada em seis de setembro de 1997, está localizada na área social dezessete de março do Assentamento Roseli Nunes município de Mirassol D' Oeste, Mato Grosso.

A ARPA foi pensada e construída com a metodologia de trabalho



voltados para a qualidade de vida das famílias assentadas na região Sudoeste de Mato Grosso na lógica da produção agroecológica. Essa associação surgiu em 1997 como ASPROACRE (Associação de Produtores Agropecuário da grande Cáceres) a princípio a mesma atenderia somente o município, em razão do aumento dos acampamentos, assentamentos, foi surgindo os debates da importância de adotar práticas que viessem contribuir na permanência das famílias nas áreas de reforma agrária.

Por meio dos trabalhos realizados pela Ong FASE - Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional através de reuniões, debates, seminários e o curso Técnico Pé no Chão em Agroecologia na região sudoeste de Mato Grosso houve a necessidade de regionalizar a Associação de produtores Rurais Organizados na Agropecuária de Cáceres – ASPROC com uma proposta agroecológica denominando-se ARPA em 2002. Essa associação tem como foco principal a organização das famílias em grupos coletivos de produção, com princípios de valorização do ser humano e com respeito à vida e a natureza, baseada na sustentabilidade das famílias para fortalecimento da luta pela terra.

Com isso a produção diversificada de forma agroecológica no Assentamento Roseli Nunes e região vêm contribuindo na renda das famílias, melhoria nos hábitos alimentares e menor dependência do mercado. Nesse sentido essas famílias vêm contrapondo um modelo de produção que tem como base a monocultura de cana, soja transgênica, teca, gado de corte com o uso intensivos de agrotóxicos despejados de avião por sobre os assentamentos, o que vem dificultando a produção de alimentos sem agrotóxicos. Neste sentido não é diferente do que acontece e Lucas de Rio Verde conforme FORMAD, (2013, p.22):

O agrotóxico Paraquat foi pulverizado por avião sobre a sede do município em março de 2006. O estrago se estendeu desde as dezenas de pequenas hortas particulares, plantas frutíferas e ornamentais, até o horto das plantas medicinais. Moradores da região se queixam de diarreias vômitos e urticárias. O Paraquat é um veneno muito tóxico que não é mais utilizado nos países desenvolvidos. Nos seres humanos, pode gerar o desenvolvimento de tumores malignos com câncer de próstata, testículos, ovário e mama.

Esta prática está chegando sutilmente ao município de Mirassol D'Oeste onde ficam localizados vários assentamentos da reforma agrária, com uma

diferença, parte dessas famílias contrapõem a este modelo de produção por meio da produção agroecológica, com o trabalho coletivo, melhorando as condições de vida, tanto na renda, como na saúde de quem planta, e de quem consome, de contribuir no planejamento da produção agropecuária, com o manejo agroecológico, organizar formas coletivas, garantir os direitos dos associados à terra, crédito, assistência técnica, saúde, educação e transporte, bem como beneficiamento e armazenamento, preço justo, lazer e liberdade de organização.

Esses elementos embasados em uma vida digna aos povos do campo e cidade sustentam-se nos princípios da Educação do campo, visando uma educação emancipadora, que integram o trabalho e o conhecimento como base fundamental na formação humana.

A educação como emancipação humana compreende que os sujeitos possuem história, participam de lutas sociais, sonham, tem nomes e rostos, gêneros, raças e etnias diferenciadas, e que ao lutar pelo direito à terra, à floresta, à água, à soberania alimentar, aos conhecimentos potencializadores de novas matrizes tecnológicas da produção a partir de estratégias solidárias vão recriando suas pertencas, construindo a sua identidade na relação com a natureza e com sua comunidade. Essa relação, presente dentro da escola, possibilita uma reavaliação do passado através do resgate da memória e dos conhecimentos socialmente sistematizados pela humanidade. (MEDSON JANER DA SILVA, ADRIANA CRISTINA VENTROSO *APUD* RECK ET ALII, 2007, P.69).

A associação ARPA e a escola do Campo Madre Cristina, ambas caminham em busca de interagir a educação e o trabalho para a resistência dos conflitos existentes movidos pela expansão de grandes áreas de monoculturas.

No entanto a relação de gênero faz - se necessário para o bom andamento das atividades tanto na escola, quanto na associação, com isso os homens e mulheres são associados com os mesmos deveres e direitos desenvolvendo o manejo em sua parcela com os princípios da agroecologia.

A ARPA atende hoje um público junto ao PAA e PNAE, mercados e feiras com produção e comercialização de hortaliças e vegetais.

## Capítulo 3

### 3.1 A PRÁXIS AGROECOLÓGICA DA ESCOLA MADRE CRISTINA

A partir do diagnóstico realizado com educadores, educadoras e alunos da escola Madre Cristina e com agricultores da ARPA/ Associação Regional de Produtores de produtores Agroecológicos, percebe-se que há uma articulação em relação a teoria e prática da escola Madre Cristina com as experiências agroecológicas desenvolvidas pelas famílias organizadas na ARPA, pelo fato que as disciplinas diversificadas vem com foco de contribuir na difusão deste modo de produção e sua importância para resistência de cada família que vivem neste Assentamento Roseli Nunes.

Neste entendimento o agricultor e atual presidente da Associação Regional de Produtores Agroecológicos (ARPA), afirma que: *a escola Madre Cristina vem desenvolvendo um trabalho educacional, formando os seus educandos para a transformação de uma sociedade mais justa e igualitária, na defesa da vida.* Diante disso vale salientar que, essa forma de educar os sujeitos para vida, está engajada no projeto de educação Do e No Campo, construído com muitas lutas e resistências dos movimentos sociais.

Com isso a luta pela Educação do Campo que respeita os valores, cultura e os saberes adquiridos ao longo de suas histórias, tornou-se pertinente pelas próprias famílias, organizadas pelo MST, por não aceitar que a educação viesse imposta, mas sim construído a partir das especificidades de cada sujeito.

Salienta Caldart,

Os sujeitos do campo que trabalham no campo e seus processos de formação pelo trabalho, pela produção de cultura, pelas lutas sociais não tem entrado como parâmetro na construção da teoria pedagógica e muitas vezes são tratados de modo preconceituoso, discriminatório. (2008, p.73).

Desta maneira a escola do Campo tem o dever de romper com essa lógica que o conhecimento que vale é só aquele vivenciado na vida escolar, neste entendimento as práticas pedagógicas devem ser pensadas a partir da realidade de cada sujeito. O interessante que dentro de cada depoimento realizado nessa pesquisa a teoria e a prática da escola Madre Cristina vêm contribuindo muito nos

debates políticos. E construindo a práxis por meio de relações transdisciplinares entre a forma de produzir e se educar.

Ficando explícito na fala do atual presidente da ARPA:

[...] na minha visão de teoria e prática da escola é positiva. Ela vem desenvolvendo um trabalho educacional formando os seus educandos para a transformação de uma sociedade mais justa e igualitária, na defesa da vida, valorizando os trabalhadores existentes no assentamento. Inclusive da ARPA abrindo espaço para o debate e formação para que a ARPA possa desenvolver suas experiências agroecológicas, contando ainda que foi a primeira escola de Mato Grosso que passou a dar para seus alunos uma merenda saudável e de qualidade, comprando da ARPA, ajudando os trabalhadores e trabalhadoras a gerar emprego e renda contribuindo para diminuir o êxodo Rural. Ainda na minha visão a escola Madre Cristina é o coração do assentamento sempre batendo em defesa da vida, e lutando contra a morte causada pelo agronegócio, mineração e os agrotóxicos. Parabéns Madre Cristina, tenho orgulho de pertencê-la.

Por meio desse depoimento é possível perceber o valor e importância de uma escola dentro de um assentamento e como é rica a inclusão dos saberes empíricos ao conhecimento escolar partindo da realidade a qual está inserida a escola do campo.

Tendo em vista que:

A Câmara da Educação Básica-CEB, no comprimento do estabelecido na Lei n 9131/95 e na lei n9394/96-LDB, elaborou diretrizes curriculares para educação infantil, o ensino fundamental e o médio, a educação indígena e a educação especial a educação profissional de nível técnico e a formação profissional de nível técnico e a formação de professores em nível médio na modalidade normal. A orientação estabelecida por essas diretrizes, no que se refere as responsabilidades dos diversos sistemas de ensino com o entendimento escolar sob a ótica do direito, implica o respeito as diferenças e a política de igualdade, tratando a qualidade da educação escolar na perspectiva da inclusão. Nessa mesma linha, o presente parecer, provocada pelo artigo 28 da LDB, propõe medidas de adequação da escola à vida do campo. (RECK, 2007, p.161).

A agroecologia segundo a educanda “A” da escola é um modo de produção onde a família procura tirar sua renda mensal, e que todas as famílias trabalham juntas para tirar seu sustento sem prejudicar o meio ambiente. Desse modo, há um manejo de produção em que se preserva a natureza em equilíbrio, sem a utilização de agrotóxicos, usando como práticas alternativas os adubos

naturais. Ela destaca que o (a) agricultor (a) deve cuidar muito bem de todo o sistema produtivo: do solo, da água, da vegetação e dos animais, ou seja, dos recursos naturais que compõem a natureza, nesse sentido (Altieri, 2012, p.15) diz que: *a ideia central da agroecologia é ir além das práticas agrícolas alternativas e desenvolver agroecossistemas com dependência mínima de agroquímicos e energia externa. Agroecologia é tanto uma ciência quanto um conjunto de práticas.*

Ainda segundo ela na agroecologia muitos agricultores reclamam que o sítio é pequeno, mas o sítio pequeno, com um manejo correto, pode ser suficiente para gerar alimento e renda para toda a família e além do mais ser produtivo a vida inteira.

O educando “B” afirma que *na realidade a agroecologia é muito importante, para a escola, no caso do curso profissionalizante (EMIEP) e também em outros espaços além da escola como a ARPA.* Por meio dessas palavras destaca-se o objetivo do trabalho agroecológico e de cursos profissionalizantes com foco na produção, sendo uma forma de fortalecer as famílias engajadas no processo de trabalho coletivo.

Já o educando “C” salienta que *a agroecologia está presente na vida escolar e no cotidiano das famílias e o aprendizado adquirido pelos educandos deve ser socializado. É um meio em que aprendemos mais, nos educamos mais um meio de pensar a educação e associação.* Neste sentido as atividades desenvolvidas pelos educandos nessa escola do campo são socializadas através de seminários, palestras, intercâmbios e outros, com isso a troca de experiências entre educandos, comunidade e pessoas de outras regiões e estados nos proporciona conhecimentos capaz de interagir no processo em busca de uma nova matriz de produção agrícola.

Em sua obra *A escola-comuna*, Pistrak (2009) afirma que: *O trabalho como principio básico que forma a personalidade, como meio de criar a pessoa com aptidões coletivas, formar e desenvolver nela serie de aptidões sociais e hábitos.*

Corroborando com Pistrak, Mészáros destaca que:

Ao pensar a educação na perspectiva da luta emancipatória, não poderia se não reestabelecer os vínculos – tão esquecidos – entre educação e trabalho como que afirmado: digam-me onde está o trabalho em um tipo de sociedade e eu te direi onde está a educação. (MÉSZÁROS, p.17)

Nesse entendimento educação e trabalho caminham em uma mesma linha de raciocínio, se tratando em relação à emancipação humana é necessário que o sujeito questione sua existência e por meio do seu conhecimento de mundo busque a constante transformação social.

Desta forma o educando “D” relata:

Bom, no meu ponto de vista a agroecologia está presente em nosso cotidiano, nos do curso do EMIEP estamos aqui para aprender e repassar esse conhecimento. O curso nos traz mais conhecimentos sobre plantas, animais, planejamentos de projetos como: currais, granjas e etc. Também mostra um jeito mais simples de combater pragas na sua propriedade, sem usar produtos tóxicos, ou seja, se usarmos alternativos, com misturas de plantas, que podem fazer o mesmo papel de forma limpa. (Educando 2º ano EMIEP).

É possível perceber que o curso vem contribuindo com a formação de novos sujeitos com pensamentos voltados para as questões ambientais econômicas e sociais, tendo uma concepção das contradições impostas ideologicamente pelo modelo de agricultura imposta pelo agronegócio.

Como podemos observar e de acordo com sua resposta o educando “E”:

Agroecologia está presente no nosso cotidiano por morarmos na zona rural e no EMIEP nós fazemos hortas todo ano, pois aprendemos cada vez mais e tentamos levar para a nossa propriedade e com isso aprendemos métodos novos e mais práticos de ser concluídos, aprendemos a fazer caldas para passar na horta contra insetos e pragas e sim evitar o uso de agrotóxicos. (Educando 2º ano EMIEP).

O curso EMIEP vem proporcionar aos educandos da escola do campo Madre Cristina um maior entendimento como agricultor e conhecedor de práticas diferenciadas em transição agroecológicas. Apesar de haver uma aculturação hegemônica do capital em relação ao comportamento dos agricultores que disseminam o sucesso da produção por meio do plantio de monoculturas, existem diversas ações que contribuem para o protagonismo do sujeito do campo. Como a visibilidade nos territórios que existe gente no campo, que ele não é um lugar de atraso e que tem projeto de país em construção, visando o respeito a todas

as etnias considerando a natureza como parte fundamental para a perpetuação da vida.

Segundo a agricultora 2:

A escola Madre Cristina tem um papel muito importante com a relação à teoria na questão de respeitar e o compromisso que todos têm com a natureza motivando os estudantes e toda a comunidade a valorizar o que a natureza oferece de alternativa para o melhor aproveitamento da terra sem agredi-la os insumos agroquímicos, a não trabalhar a monocultura por que isso empobrece a terra. A escola abre espaço para que pessoas de outros lugares possam vir e conhecer essas práticas essas experiências naturais possa a contribuir para o avanço destas práticas.

Assim de acordo com Gubur e Toná,

Constitui, em resumo, um conjunto de conhecimentos sistematizados, baseados em técnicas e saberes tradicionais (dos povos originários e camponeses) que incorporam princípios ecológicos e valores culturais às práticas agrícolas que, com o tempo, foram desecologizadas e desculturalizadas pela capitalização e tecnificação da agricultura. (2012, p.57)

A agricultora diz que a escola apoia a ARPA nas vezes que é necessário apresentar vídeos que retratam experiências de outras regiões ou Estados, um exemplo sobre as sementes crioulas, que incentiva os agricultores a cultivar suas sementes para garantir a segurança alimentar e também vídeos que mostram os graves problemas causados quando as pessoas usam as práticas ofensivas de agrotóxicos nas lavouras. Essas práticas são causadoras do enfraquecimento do solo aumentando o descontrole dos insetos, desequilíbrio da natureza e aumento de tantas doenças principalmente o câncer, gera ainda a insegurança alimentar. A agricultora diz ainda: *a escola Madre Cristina é consumidora dos produtos da ARPA, tanto para merenda escolar como para os cursos e encontros que acontece na escola.*

De acordo o professor Sidinei Martins Neves Engenheiro Agrônomo o objetivo das disciplinas do curso técnico em agroecologia é a formação técnica, formação de qualidades para que o educando se prepare para assumir os trabalhos da propriedades junto com a família.

A relação das disciplinas com a ARPA: o educando que tem a

família sócia da ARPA, com mais preparo para contribuir com a família e com a ARPA e a instituição. O que Caldart destaca,

(...) Desenvolver e consolidar nos jovens uma visão de mundo articulada a valores e identidades que vai assumindo nesta fase da vida. E para que crie uma visão crítica e criativa do mundo é preciso ter uma base de compreensão teórica - prática das ciências que permita entender a formação social, econômica, política e cultural da sociedade, a natureza, as diferentes dimensões da vida humana. (CALDART, 2011, p.27)

A gestora da escola relata que a disciplina diversificada tem como objetivo a complementação em forma de conteúdo e metodologia diferenciada voltada a realidade do campo, com o eixo de grande importância de levar os educandos a pesquisar, mas acredito que somente as disciplinas não inova totalmente a evolução do ensino médio, porque essa modalidade requer uma nova perspectiva e planejamento, organização curricular.

Quanto à experiência agroecológica e a ARPA, muito rica, mas ainda precisa avançar em outras dimensões sobre o que realmente é benefício para o ser humano retirar sua subsistência de produção, exportação e consumo, expor em feiras os produtos, que haja incentivo e investimentos, mas a relação da escola é fundamental, ao mudar metodologias é construir valores que realmente levam o educando agir de forma diferente e com conhecimento. ZART (2011) enfatiza:

NO CAMPO: as pessoas têm direito a ser educadas no lugar onde vivem; DO CAMPO: as pessoas têm direito a uma educação pensada desde o seu lugar e com a sua participação, vinculada à sua cultura e às suas necessidades humanas e sociais. E esta educação inclui a escola: hoje uma luta prioritária, porque há boa parte da população do campo que não tem garantido seu direito ao acesso à chamada educação básico, além de pensar e evoluir para o ensino médio com formação técnica e a educação superior orientadas pela pedagogia da alternância. (2011, p.34).

Segundo a coordenadora da Escola Madre Cristina, o objetivo das disciplinas do currículo diversificado, é uma forma de inserção dos planos de filosofia da escola do campo, que a partir desta realidade qualificar a qualidade de vida da família camponesa, acreditando no processo de mudança para melhorar a conduta familiar, no sentido de produzir sem agrotóxicos e estimular a agricultura familiar.

A relação da Escola com ARPA é muito importante, este vínculo



direto e indiretamente contribui com a escola, e a escola com a família neste processo os alunos que veem da associação que participaram com os pais na horta, trazem esta experiência pra sala de aula e também os coordenadores da ARPA participam com palestras na escola e assim cada vez mais a escola do campo com o seu proposito das famílias permanecerem no campo e produzir alimentos com qualidade.

A professora Cristiane diz que: No ensino diversificado trabalhamos ou trabalha-se práxis de quatro eixos, agroecologia, holericultura orgânica, agricultura, agricultura familiar e economia solidária veem que na defesa de uma escola específica do campo como um espaço social com vida, identidade cultural própria e praticas que são compartilhadas pelas pessoas que aqui vivem e não mais sendo vista como um espaço territorial de terra somente, sendo assim o ensino diversificado veio ao encontro de legitimação de políticas publicas estas com o currículo de técnico do EMIEP em agroecologia na escola, quando se retrata na práxis com conhecimentos científicos e empíricos tudo se renova na própria comunidade no fortalecimento e afirmação da vida que é a agroecologia.

Compreender a pratica docente como dimensão da educação é reconhecê-la histórica, politica e eticamente constituída; é interpreta-la como um conjunto de saberes necessários ao ensinar e ao aprender críticos; é sabê-la construída na tensão entre autoridade e liberdades; é reconhecê-la produtora de existência humana. A prática docente vigilante que possibilita a indignação diante das desumanidades e malvadezas neoliberais, que se constrói forte para criticar e para transformar, que se faz com e na pedagogia da autonomia. (SOUSA, 2001 p.223)

No ensino diversificado trabalhamos ou trabalha-se práxis de quatro eixos agroecologia, olericultura orgânica, agricultura, agricultura familiar e economia solidariam vejo que na defesa de uma escola especifica do campo como um espaço social com vida, identidade cultural própria e praticas que são compartilhadas pelas pessoas que aqui vivem e não mais sendo vista como um espaço territorial de terra somente, sendo assim o ensino diversificado veio ao encontro de legitimação de políticas publicas estas com o currículo de técnico do EMIEP em agroecologia na escola, quando se retrata na práxis com conhecimentos científicos e empíricos tudo se renova na própria comunidade no fortalecimento e afirmação da vida que é a agroecologia.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho de conclusão de curso busquei entender como está a relação da Escola Madre Cristina em relação às experiências agroecológicas desenvolvidas no Assentamento Roseli Nunes, a partir da associação existente neste assentamento denominada ARPA, com o intuito de ter um olhar mais amplo da educação, com relação às teorias e práticas estabelecidas pela escola. Diante disso percebi haver uma grande sintonia pelas entrevistas feitas com a gestora, coordenadora pedagógica, educadores, educandos e agricultores.

A relação das experiências de agroecologia na escola acontece também nas disciplinas diversificadas, EMIEP e nas visitas de campo realizada pelos educadores, com objetivo de relacionar teoria e prática, numa perspectiva de despertar nos educandos uma visão crítica da importância da prática agroecológica, na vida do ser humano e de todos os ecossistemas. Expresso nas palestras, seminários, reuniões, apresentações culturais e no curso técnico, pé no chão em agroecologia.

As práticas do curso Técnico Pé no Chão em Agroecologia possibilitou aos agricultores uma visão positiva da agricultura com base na agroecologia, rompendo com os paradigmas ideológicos dominantes que desmotiva a cultura. Por meio do desenvolvimento de técnicas diferenciadas tanto no manejo dos solos, quanto na socialização da produção diversificada e a preparação de caldas naturais para prevenção de doenças, aumento de insetos, proporciona o equilíbrio entre a produção e a natureza. Além de ter essa dimensão para os agricultores, disseminar a compreensão da possibilidade da plenitude da agroecologia para com os educandos.

Neste sentido as parcerias FASE, UNEMAT, UFMT e outras se tornam fundamentais, nessa construção epistemológica da práxis, dos princípios embasados em relação teórica e dialética que materializa o conceito de agroecologia em forma de projetos para a vida.

E o curso técnico pé no chão em agroecologia está sendo muito importante na difusão do entendimento dos princípios da agroecologia e das formas contraditórias e ideológicas do modelo convencional de produção, com base em pacote tecnológico totalmente dependente de insumos químicos e das multinacionais controladoras dos meios de produção.

Por outro lado existe uma contradição expressa no assentamento, de pessoas que não acreditam ser possível a produção de alimentos sem agrotóxicos, alienados, aculturados por interferências da monocultura estabelecida pelo modelo de produção ao entorno do assentamento.

Para desconstruir essas interferências, além dos cursos com disciplinas específicas com ênfases na agroecologia, o Projeto Juventude Camponesa vem de encontro com as necessidades da juventude de buscar sua autonomia, desmistificando a impossibilidade de sobrevivência no campo. Foi possível perceber que os jovens envolvidos nesse projeto adquiriram uma maturidade e posicionamento político, com uma visão coletiva de produção, voltada para sustentabilidade, solidariedade com base na economia sócio solidária.

A socialização de conhecimentos das disciplinas específicas e no projeto mobilizam a escola e comunidade através da dinâmica das atividades que acontecem de forma rotativa, hora na escola e em outros momentos na área social do assentamento, local que acontece a relação da teoria e a prática.

Nesta pesquisa foram encontrados elementos que retrata os princípios da Educação do Campo como a autonomia dos sujeitos, participação social, trabalhos coletivos que complementam o projeto de País tendo a preocupação com a vida e a natureza.

Mas é preciso que educadores, agricultores permaneçam mediando o processo da relação política desses educandos, que além das mobilizações internas (produção, práticas agroecológicas, ações contra hegemônicas) é preciso ampliar ações externas, em busca de garantir a permanência destas práticas que possibilitou o amadurecimento desses jovens na luta por condições de uma vida digna.

Com relação às ameaças de invasão de multinacionais com a exploração mineral expressa na fala do agricultor sócio da ARPA, a proposta é que esses jovens munidos da ação coletiva de educadores, professores fomentem instrumentos mobilizadores em forma de: teatro do oprimido, seminários, atividades culturais, assembleias, questionando essas ameaças e pautando estratégias de resistências a estes empreendimentos que procuram invisibilizar esse território permeados de vida.

Mesmo tendo conhecimento que a reforma agrária atual não atende as especificidades da classe trabalhadora é importante ressaltar que a ação dos

movimentos sociais vem colocando em pauta a reforma agrária como forma da democratização do acesso a terra e dos direitos, capaz de proporcionar a distribuição de renda, aumentando a produção de alimentos, gerando empregos, promovendo o equilíbrio do campo e cidade. Tendo em vista que ações políticas pensadas, reivindicada através de lutas históricas, está a se materializar, graças aos movimentos sociais camponeses, em especial o MST, que não seguiu a ordem e nas batalhas declarou reforma agrária popular, hoje é possível a ampliação de projetos sociais voltados para a vida do ser humano e da natureza.

Portanto deixo aqui minhas considerações com grande satisfação e mergulhado de alegria e inquietação, de ter percebido através de observações, o grande potencial humano que ainda temos no território que são os assentamentos e comunidades tradicionais.

Entendendo esse campo como espaço em disputa entre dois projetos, um que defende a vida em todas as dimensões e outro nutrido de todo um poder dominante ancorado em modelo agroexportador, tendo o Estado como o agente fundamental na consolidação e regularização de seu modelo controlador. Salienta-se que serão necessárias muitas lutas para que haja a democratização da riqueza e do conhecimento.

## REFERÊNCIAS

Caderno de Educação Nº 13 Edição Especial **Dossiê MST ESCOLA Documentos e Estudos** 1990 – 2001: Veranópolis, RS.

CALDART, Roseli Salete- **Pedagogia do Movimento Sem Terra**: escola é mais do que escola/ Roseli Salete Caldart- Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

CALDART, Roseli Salete. PALUDO, Conceição. DOLL, Johannes. (org). **Como se formam os sujeitos do Campo? Idosos, adultos, jovens, crianças e educadores**. Brasília, DF: PRONERA: NEAD, 2006.

**CALDART, Roseli. Elementos para a construção de um projeto político para a educação do campo.** In: Molina e Azevedo de Jesus (Orgs.). Brasília, DF: Articulação Nacional “Por uma Educação do Campo, 2004”. Coleção Por uma Educação do Campo, nº 5.

-CALDART, Roseli; **Educação do Campo.** In: **Dicionário da educação do campo.** CALDART, Roseli; PEREIRA, Izabel; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio; (orgs). São Paulo: Expressão Popular, 2012.

Dois casos sérios em Mato Grosso. A soja em Lucas de Rio Verde e a Cana-de-açúcar e Barra do Bugres./ Sergio Schlesinger – Mato Grosso: FORMAD, 2013.44p.

ENCONTRO DA SOCIEDADE CIVIL E MINISTÉRIO PÚBLICO: AÇÕES NO PANTANAL; **Estudos dos impactos dos agrotóxicos na saúde e ambiente.** Cáceres/MT: 57 slides: PowerPoint colorido acompanha texto, 2014. 138 p.:il.;31 cm.

FERNANDO, Bernardo Mançano. **MOVIMENTO DOS TRABALHADORES SEM TERRA (MST)** In: **Dicionário da educação do campo.** CALDART, Roseli; PEREIRA, Izabel; ALENTEJANO, Paulo; - FRIGOTTO, Gaudêncio; (orgs). São Paulo: Expressão Popular, 2012.

**FREIRE, VIDA E OBRA./ORGANIZADO POR INES SOUZA**  
FREITAS, Luiz. C. **A escola única do trabalho: explorando os caminhos de sua construção.** In: Cadernos do ITERRA, Ano VII, Nº14, II Seminário Nacional O MST e a Pesquisa. 2010.

-GUBUR Perito Michèle Dominique, Nilciney Toná. In: **Agroecologia. Dicionário da educação do campo.** CALDART, Roseli; PEREIRA, Izabel; ALENTEJANO, Paulo; -FRIGOTTO, Gaudêncio; (orgs). São Paulo: Expressão Popular, 2012.

GUBUR, Dominique Michele Periotto. Toná, nilciney. **Agroecologia** In: **Dicionário da educação do campo**. CALDART, Roseli; PEREIRA, Izabel; ALENTEJANO, Paulo; - FRIGOTTO, Gaudêncio; (orgs). São Paulo: Expressão Popular, 2012.  
[https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolução\\_verde](https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolução_verde) Acesso em 01/11/2015.

LIMA, Dalmo M. de Albuquerque. WILKINSON, John. (org.) **Inovações nas tradições da agricultura familiar**. Brasília: CNPQ/Paralelo 15, 2002.  
 Mato Grosso: FORMAD, 2013. 44p.

MENDONÇA, M. A. F. C. **Agroecologia e indicadores de sustentabilidade: uma revisão teórico-metodológica**. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) – Departamento de Economia Rural,

Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2011.

MENDONÇA, M. A. F. C. **Agroecologia e indicadores de sustentabilidade: uma revisão teórico-metodológica**. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) – De

MENDONÇA, M. L. R. F. **Modo capitalista de produção e agricultura: a construção do conceito de agronegócio**. 2013. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

MENDONÇA, M. L. R. F. **Modo capitalista de produção e agricultura: a construção do conceito de agronegócio**. 2013. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

MÉSZÁROS, I. **Produção destrutiva e Estado capitalista**. São Paulo: Ensaio, 1989.

MÉSZÁROS, István, 1930- A educação para além do capital/ István Mészáros; tradução de Isa Tavares. – São Paulo: - Boitempo, 2005. Tradução de: Education beyond capital ISBN 85-7559-068-5

MINAS GERAIS. Decreto nº 46.113, de 19 de dezembro de 2012. Aprova a Metodologia Mineira para Aferição do Desempenho Socioeconômico e Ambiental de Propriedades Rurais. Belo Horizonte: Diário do Executivo, dez. 2012, p.2.

NOVAES, A. P. et al. Utilização de uma fossa séptica biodigestora para melhoria do saneamento rural e desenvolvimento da agricultura orgânica. **Embrapa Instrumentação Agropecuária**. Disponível em: [http://www.cnpdia.embrapa.br/menuleft\\_desenv\\_produtos/fossa.pdf](http://www.cnpdia.embrapa.br/menuleft_desenv_produtos/fossa.pdf)>. Acesso em: 22 nov. 2014.

OLIVEIRA, S. S; ASEVEDO, T. R. A. Do latifúndio ao assentamento: recriando a agricultura camponesa no Mato Grosso. **Revista Agriculturas**, v.11, n.2, p. 21-24, 2014.

PIGNATI, W. A. **Os riscos, agravos e vigilância em saúde no espaço de desenvolvimento do agronegócio no Mato Grosso**. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2007.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. **Modo de produção Capitalista, Agricultura e Reforma Agrária**. São Paulo: FFLCH, 2007, 184p.

PISTRAK, Moisey Mikhaylovich. **Fundamentos da Escola do Trabalho**. São Paulo: Expressão Popular, 2000.

QUEIROZ, João Batista Pereira de. **Orientações Curriculares para a educação do campo no estado de Mato Grosso**. Cuiabá, MT: Secretaria de Estado de Educação do Mato Grosso/ Secretaria Adjunta de Políticas Educacionais/Superintendência de Diversidades Educacionais. 2007.

RECK, Jair. **Novas Perspectivas para Educação do Campo em Mato Grosso, contexto e concepções: (Re) Significando a aprendizagem e a vida**. Cuiabá, MT: Defanti, 2007.

**Relatorio dos direitos humanos e da terra: Mato Grosso 2015/** Inácio Werner, Michèle Sato(Orgs.). –Cuiabá: Fórum de direitos humanos e da terra de Mato Grosso 2015.

STEDILE, João Pedro. **Reforma Agrária** In: **Dicionário da educação do campo**. CALDART, Roseli; PEREIRA, Izabel; ALENTEJANO, Paulo; -FRIGOTTO, Gaudêncio; (orgs). São Paulo: Expressão Popular, 2012.

[www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L4504.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L4504.htm). Acesso em 02 de novembro de 2015  
ZART, Laudemir; **Educação do Campo**. Cáceres: editora UNEMAT, 2011.50p.(Caderno pedagógico I,v.1).

## **ANEXO**

Perguntas e questionamentos aplicados para a discussão da pesquisa:  
Gestores, professores, estudantes, representantes da ARPA e agricultora.

- 1- Qual foi o objetivo das disciplinas diversificadas no ensino médio. E qual sua relação com as experiências agroecológicas da ARPA?
- 2- Qual a sua visão em relação teoria e a prática da escola mãe Cristina em relação às experiências agroecológicas da arpa?
- 3- Como descrever a relação da agroecologia em sua realidade?
- 4- O que essas disciplinas diversificadas contribuíram para o curso EMIEP na Escola Mãe Cristina? E quais foram suas contribuições para o fortalecimento das experiências Agroecológicas da ARPA?